

• CRIAÇÃO

O OBITUARISTA

Carlos Alberto Torres Gianotti*

■ Conforme faço diariamente desde sempre, principiei o café da manhã de hoje abrindo o fresco jornal do dia na exata página dos obituários. Ali encontro não apenas os convites para enterro, para celebrações por falecimentos ou para descobertas de *matzeiva*, mas também – em coluna própria mantida pelo diário – o registro de perfis biográficos de recém-defuntos, cujas famílias desejaram noticiar alguns dados sobre a vida de quem defuntou, numa quase homenagem. A leitura desses obituários faz-me iniciar o dia com o espírito edificado, pois sempre concluo que, ao cabo, mesmo portando nossas ridículas vaidades, somos todos insignificantes e miseravelmente iguais.

Pois não é que hoje achei nessa página um anúncio algo diferente, embora do mesmo objeto mortuário. Em um diminuto espaço da largura de uma coluna jornalística por não mais do que quatro centímetros de altura o anunciante propagandeava: *Obituarista Arnaldo – Redigem-se obituários sob encomenda. Informações pelo telefone tal.*

Não deu para resistir à curiosidade: tratei de terminar o meu café e parti célebre em direção ao telefone para uma comunicação com o tal Arnaldo, o obituarista.

Ele foi sucinto. Em tom de voz indiferente, informou-me que redigia obituários rigorosamente apropriados e semanticamente impecáveis. Bastava que se lhe fornecessem os principais elementos de vida do morto, e em poucas horas entregaria o texto acabado para a família encaminhar ao jornal.

Quando indaguei sobre honorários, disse-me que o custo de cada obituário era diretamente proporcional à desimportância do morto. Neste momento, ambos permanecemos alguns segundos em silêncio, eu procurando na minha matemática colegial o significado de “diretamente proporcional”; ele aguardando que eu concluísse. Minha matemática colegial de nada serviu e vi-me obrigado a perguntar: – Como assim?, diretamente proporcional à desimportância do morto?

* Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) – São Leopoldo – RS – Brasil. E-mail: catgianotti@gmail.com

Arnaldo soube ser elucidativo: – Quanto mais insignificante a vida do morto, maior é o valor que cobro para redigir o obituário, porque devo dissipar muita imaginação para escrever várias linhas sobre alguém que se arrastou num viver obscuro. Agora, se o falecido foi criatura considerada socialmente relevante – como um desembargador, um general, um delegado de polícia ou um ministro de tribunal de contas (estivessem na ativa, ou já aposentados) –, cobro menos, porque será mais fácil obituarizá-lo: mortos importantes fizeram coisas tidas como significativas durante a vida; muitas vezes, nesses casos, preciso até economizar as palavras.

E concluiu quantitativo: – Para o senhor ter uma ideia aproximada de preço, posso lhe dizer que o obituário de um bancário aposentado ou de uma costureira custará à família enlutada por volta de mil e quinhentos reais; o de um ex-deputado federal por quatro legislaturas, cinquenta reais.

– Mas nessas condições – argumentei –, gera-se um impasse: a família do de existência inexpressiva provavelmente não arcará com um custo tão desproporcional para você descrever aquela vida medíocre; pelo outro lado, os familiares do morto de nomeada tenderão a desacreditar na qualidade textual do obituário diante do baixo preço.

– Daí a minha falta de clientela. Por isso o anúncio no jornal, para alavancar o negócio. Não tem por onde!

Recebido em maio de 2014.
Aprovado em maio de 2014.